

Rússia amplia ataques

Ministério da Defesa anuncia intensificação dos bombardeios "em todos os setores operacionais" da Ucrânia. Invasão se aproxima do quinto mês. Ucranianos relatam drama ao **Correio**. Usina atômica se torna base para lançamento de mísseis

» RODRIGO CRAVEIRO

Domina Oksana, 48 anos, é mestre em meditação. Nem por isso consegue manter a calma. "Tenho que dar conta de mim mesma e apoiar meus alunos e colegas", desabafou ao **Correio**. Em abril, ela fugiu de Dnipro (sudeste) e retornou com o marido à sua cidade natal, Kremenchurk, a 160km a noroeste. Ao ser questionada sobre o anúncio feito pela Rússia sobre a intensificação dos ataques no sul, no leste e no norte da Ucrânia, Oksana desabafou: "O fortalecimento dos bombardeios é a nossa morte; o que eu deveria sentir a não ser o desejo de vingança?". Ela contou que o equilíbrio mental estável não tem sido o bastante para lidar com uma guerra que, no próximo domingo, chegará ao 150º dia. "Quando os foguetes voam sobre a cidade onde você vive, quando eles destroem o local em que seu marido e seus amigos moram, quando você espera pelos filhos e as sirenes antiaéreas soam, você não sabe se chegarão bem em casa ou se serão atingidos pelo próximo foguete. Então, nem os nervos nem a compreensão serão suficientes aqui", disse.

Ontem, o Ministério da Defesa da Rússia ordenou a ampliação dos bombardeios em "todos os setores operacionais" da Ucrânia. A medida seria uma forma de conter ataques ucranianos contra posições no Donbass, região no leste do país controlada parcialmente por separatistas pró-Moscou. O presidente Volodymyr Zelensky impôs alerta antiaéreo em todo o país. Desde sexta-feira, mísseis atingiam áreas residenciais em Dnipro (centro), além de duas universidades em Mykolaiv (sul) e de casas em Chuhuiv (leste). Perto dali, em Nikopol, edifícios civis, uma escola e uma universidade foram destruídos. Ao menos duas pessoas morreram.

"Os russos ficaram completamente loucos. Eles acham que podem alcançar seus objetivos nazistas com métodos terroristas, mas estão completamente errados", afirmou à reportagem Eugene Kramarenko, 38 anos, administrador de sistemas em Kremenchuk. Ele relatou que, ontem, ficou retido por duas horas em um bunker, enquanto as sirenes eram acionadas.

Funcionária de uma empresa de tecnologia da informação (TI), Natalia Neborak, 38 anos, fugiu de Kremenchuk, onde morava, para Lviv (oeste) ainda no primeiro dia da guerra, em 24 de fevereiro. "Nos últimos dias, temos visto alarmes antiaéreos mais frequentes por aqui. Também há mais danos em outras cidades, como Vinnitsa e Dnipro. Há um estacionamento no subsolo, sob nossa casa. Toda vez que há bombardeios corremos para lá. Nem sei se é seguro o suficiente, mas vejo como a melhor opção que temos", disse. Neborak experimenta um misto de raiva e de ansiedade. Ela afirmou não saber o que o futuro lhe reserva. "Eu não poderia imaginar que uma guerra assim ocorresse em pleno século 21 na Europa."

Olexiy Haran, professor de politica comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, não se surpreendeu com o anúncio de Moscou. "Esperava-se que a Rússia preparasse os primeiros bombardeios contra Donbass, um alvo considerado estratégico e oficial da guerra. Como os russos não foram bem-sucedidos nesse objetivo, agora planejam uma batalha terrestre pela região, no leste da Ucrânia", comentou. "No sul, os ucranianos têm conseguido realizar contra-ataques, perto da cidade de Kherson. Acho que o mais perigoso para os civis é o fato de que os russos se comportam como terroristas. Eles começaram a bombardear alvos civis em cidades e dispararam contra duas universidades, em Mykolaiv", acrescentou. Para Haran, a ideia de Moscou é intimar o povo ucraniano.

Sergey Bobok/AFP



Raisa Kuva, 82 anos, chora diante de prédio destruído em bombardeio à cidade de Chuguiv, a leste de Kharkiv

"Os armamentos entregues pelo Ocidente se mostram bem eficientes, como os sistemas de foguete de alta mobilidade. Mas precisamos de mais armas e do fortalecimento de sanções contra o Kremln", concluiu.

Por sua vez, Anton Suslov — analista da Escola de Análise Política (naUKMA), em Kiev — aposta que o anúncio da intensificação da guerra é mais um truque voltado para o Ocidente do que um plano real. "Nós sabemos que alguns países, como a Alemanha, foram relutantes em aplicar sanções e em fornecer armas ao governo de Zelensky, com medo de provocar a Rússia. A suposta escalada do conflito é voltada para essas nações e para a opinião pública russa", admitiu ao **Correio**. Segundo Suslov, a Ucrânia necessita de maior determinação por parte de aliados internacionais. "Nós precisamos de caças para a defesa aérea e de lança-foguetes para destruir os depósitos de armas da Rússia em territórios ocupados. Isso ajudará a salvar vidas inocentes."

Central nuclear

A operadora responsável pela energia nuclear na Ucrânia denunciou que tropas russas implantaram lança-mísseis na central atômica de Zaporizhzhia para disparar contra as regiões de Nikopol e Dnipro. "Os ocupantes russos instalaram sistemas de lançamento de mísseis no território da central nuclear de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia", disse o presidente da Energoatom, Petro Kotin, no aplicativo de mensagens Telegram. "A situação (na usina nuclear) é extremamente tensa, e a tensão aumenta a cada dia. Os ocupantes estão trazendo seu maquinário, incluindo sistemas de mísseis, com os quais atacaram o outro lado do Rio Dnipro e o território Nikopol, 80km a sudoeste de Zaporizhzhia." Ao menos 500 soldados russos estão acampados na usina atômica.

Vozes da Ucrânia

Fotos: Arquivo pessoal



Eugene Kramarenko, 38 anos, administrador de sistemas, morador de Kremenchuk

"Tenho medo de morrer, é claro. Há uma guerra em meu país e ela se arrasta por mais de oito anos. Todo mundo tem chances maiores de perder a vida. A invasão russa impactou meu salário, que foi reduzido. Tive que me mudar, com minha esposa, para a casa de meu pai, que fica em um local mais seguro da cidade."



Domina Oksana, 48 anos, mestre em meditação, natural de Dnipro e refugiada em Kremenchuk

"A guerra começou, na verdade, há oito anos. É hora de o mundo se tornar ucraniano, mesmo que por uma hora. Somente assim entenderá que é alvo de um país inteiro ávido apenas em destruir. Os russos se consideram impunes."



Natalia Neborak, 38 anos, funcionária de uma empresa de tecnologia da informação (TI), natural de Kremenchuk e refugiada em Lviv

"Vocês sabiam que, nós, ucranianos, temos uma nova tradição? Só escrevemos rússia e putin assim, com letras minúsculas. Nós já ganhamos essa guerra. Não sabemos qual o preço e o quão sofreremos com destruição e mortes."

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

Nem tudo está perdido

A confirmação de que existem milhões de galáxias e bilhões de estrelas no espaço sideral — reveladas pela Nasa, a agência espacial norte-americana, e pela Agência Espacial Canadense —, no início desta semana, deveria deixar o ser humano mais humilde imediatamente. Poderia ser um salto na consciência dos países e das pessoas. É, no entanto, somente mais uma notícia. Poucos aceitam que são demasiadas as coisas desconhecidas de uma vida e, ao mesmo tempo, a importância da rotina e da estabilidade.

Os padrões de vida são, hoje, sintonizados com o que sai na internet. O que é seguro ou desestabilizador chega às pessoas de forma on-line, criando uma tendência que impede de ver a qualidade média da vida humana em cada país. Por isso, só especialistas têm a coragem de dizer que, do ponto de vista da evolução, a vida está melhorando, mesmo que do ponto democrático esteja piorando no mundo todo.

O telescópio James Webb, há pouco mais de um ano no espaço, procura as estruturas vistas de um universo mais distante e observa o mundo celeste, solar, o céu do céu, tudo em constante evolução. As descobertas são um alento para pessoas de bem que pode melhorar a convivência humana. Para quem a cegueira não impede de ver tudo mais claramente, os fatos, processados pela imaginação, são instrumentos para melhor entender o mundo.

Infelizmente, para a maioria dos que têm olhos para ver, o otimismo não se sustenta. O grande problema do mundo atual é que as grandes distâncias da realidade não têm levado as pessoas a se aproximarem da ideia de eternidade. Os aficionados do dia a dia, mesmo durante a pandemia, não interromperam sua dependência de necessidades adiáveis. Fizeram-se de fortes e, numa arrogância própria dos que nunca se feriram inteiramente, optaram pelo antagonismo de negar a realidade, atrasando o controle da doença. Poderiam aproveitar a oportunidade de encarar a dificuldade para fazer imperar a reciprocidade. Mas, foi também possível ver como a solidariedade prevaleceu nos sistemas de saúde e entre profissionais que são relíquia.

Para muitos, a humanidade está sendo mantida como uma múmia. Nem a fé do medo mantém Deus como indispensável. As igrejas jogam mais com sua inclinação como instituição do que com o respeito que adquiriram como locais de paz e reflexão. E, por razões políticas, temos visto que a afetuosa demonstração de apreço por Jesus, a mais perfeita demonstração de tolerância diante do conflito, não tem servido de sabedoria para muitos.

A doença, como uma possibilidade real de perda, não deve ser comparada como oposição ao que dá prazer. Na Bolsa de Valores, o lucro de uma empresa de fabricação de armas pode ser o mesmo da Disneylândia. Tudo é visto como parque temático. Um cantor pacifista é tão milionário quanto um belicista. Mas, onde não existem grandes choques de classe, raciais e religiosos, as sociedades são mais governáveis. Quem tem hábitos de austeridade modera gastos, enfrenta melhor tempos ruins. Quem não está contente com si mesmo dificilmente será contentado. Para o coração humano, o mundo é o mesmo em toda a parte.

Dê tempo ao tempo, se o mundo vira um relâmpago, ninguém tem qualquer escolha. Proteja seu patrimônio, invista, se arrisque, mas não se compare a valores materiais. A espiritualidade tem outra dimensão. As descobertas científicas libertam o homem do estado físico, mas é a reflexão moral que o liberta da infinita distância entre o que tem e o que é.

O mundo realmente não está legal, mas não está perdido. Pelos indicadores econômicos, os países ficarão do mesmo jeito, alguns até regredirão. Talvez muito ainda precise ser feito, mas aquilo que não foi feito só é melhor se for bem feito. A pedagogia ancestral, que criou as nações mais importantes, nunca quis transformar uma criança que brinca num adulto que trabalha. Tudo tem sua hora.

A política não consegue lidar com o prazer e o desprazer ao mesmo tempo. Todas as ameaças ao prazer de governar provocam reação dos instintos mais primitivos. Na desarmonia do ego dos poderosos, o mais primitivo dos instintos no poder é o recalque — a incompatibilidade entre a crítica e a autoimagem. O palácio do governo é uma clínica de UTI geriátrica com mais solidão e abandono do que beleza. Poucos governantes conseguem entender o que é o bom poder.

Maus exemplos são Trump, Putin e Boris Johnson que sofreram com a má adaptação ao ambiente político, imaginando encontrar prazer no destempero por uma visão supersticiosa do poder. Seus desejos inconscientes competiram com seus objetivos mais elevados e a descarga de realidade produziu mais desprazer e frustração do que prazer e compensação. Não vale a pena.

PAULO DELGADO, sociólogo.